

**PORTUGUESE A2 – HIGHER LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1**

Friday 15 November 2002 (afternoon)  
Vendredi 15 novembre 2002 (après-midi)  
Viernes 15 de noviembre de 2002 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- Ne pas ouvrir cette épreuve avant d’y être autorisé.
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A soit la section B. Écrire un commentaire comparatif.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.

*Escolha a Secção A ou a Secção B.*

## SECÇÃO A

*Analise e compare os seguintes textos.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre o(s) textos e os seus(s) respectivos temas. Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios linguísticos para comunicar os seus propósitos.*

### Texto 1 (a)

#### O circo chegou à vila

- O circo chegou pela tarde. Os carros, as mulas<sup>1</sup>, as crianças e as mulheres acomodaram-se no barracão do Raimundo, enquanto três homens (mais tarde se viu que eram belos artistas) erguiam o trapézio no meio da praça. Era um circo miserável, destes que se cobram com um boné estendido à caridade dos espectadores, como quem pede
- 5 esmola. O mais novo dos artistas, um rapaz magro e reinadio<sup>2</sup>, tocou tambor e cornetim, rua a rua, anunciando as atrações do espectáculo, e atrás dele ia engrossando o cortejo de crianças e alguma coisa ficava a bulir<sup>3</sup> na vila pasmada. Mas quando chegou a hora, apenas meia dúzia de crianças rodeavam o trapézio. Os artistas varriam o piso, moendo tempo a
- 10 estender no chão mantas velhas e rotas ou dando alma aos candeeiros de petróleo que esmoreciam sem essas bombadas repetidas. O rapaz magro tocava, tocava sem desfalecimento, assestando<sup>4</sup> o cornetim aos quatro ventos - e a música tinha a fúria e o gozo de uma voz humana. Foi a sua magia que arrastou os preguiçosos e indiferentes, até que se formou uma roda cheia à volta da pista; nas janelas das casas altas já apareciam meninas e funcionários da Câmara.
- 15 Do barracão do Raimundo irromperam as atrizes. Eram duas moças gorduchas, gémeas, que imitavam as danças que viam no cinema; havia outras duas mais pequenas que preenchiam os números de trapézio e desmanchavam os corpos como vimes<sup>5</sup> agradecendo os aplausos com beijos na ponta dos dedos.

Fernando Namora, *A Casa da Malta*, 1945, Portugal

---

<sup>1</sup> mula - animal resultante do cruzamento de cavalo com burra ou de burro com égua

<sup>2</sup> reinadio- divertido

<sup>3</sup> bulir - mexer

<sup>4</sup> assestar - apontar

<sup>5</sup> vime - qualquer haste flexível, fina e resistente

**Texto 1 (b)**

**Vidas do Circo**

Da primeira vez que fomos ao Parque dos Artistas, disseram-nos logo que o circo estava a morrer. E de facto, perante as rulotes<sup>1</sup> enxertadas em bidons<sup>2</sup>, chapas e outros remendos, o parque pareceu-nos um cemitério de elefantes, ainda que ali não fosse o circo. No dia seguinte, conseguimos ir além dos portões e encontrar-nos com Antóni, que

5 entrevistámos.

Antoní tem 41 anos e é o palhaço pobre. Desde 1975 que trabalha no estrangeiro, veio para fazer o Natal no Coliseu dos Recreios, em Lisboa e depois volta para Espanha. “Sou um palhaço rico mas faço o papel de pobre”, diz-nos a rir-se. O ar bonacheirão<sup>3</sup> talvez ajude a pôr a máscara, mas é com a técnica que Antoní procura marcar a diferença num

10 mundo cheio de palhaços: “No nosso mundo está tudo feito, há que aperfeiçoar e modernizar. Agora fazemos em 10 minutos o que dantes levava 30, o público quer rapidez, alegria, acção... temos até que modernizar os aparelhos.” Por exemplo, “o estoíro” já não se faz na pista. É o comando à distância, escondido no bolso do palhaço pobre, que põe a tecnologia em movimento para fazer ecoar nos ouvidos do público uma sonora estalada,

15 um tiro ou um trambolhão”.

Quando há 23 anos fazia este número com o seu pai, era diferente ser palhaço. “O espectador adulto já viu tudo e temos que improvisar coisas novas. Se me estiver a aborrecer com o que estou a fazer, estou a aborrecer o público”, explica. Por isso, também é complicado esconder o esforço que às vezes se faz para fazer rir: “A tristeza fica debaixo

20 da maquilhagem e atrás das costas, o palhaço tem de rir sempre, o público não pode notar a tristeza...”

A família de Antoní são os Antonís, a mulher espanhola é o segundo palhaço pobre, a filha italiana é o rico. Dedicam-se exclusivamente a este número e abandonaram todos os restantes. Dantes, a mulher fazia equilibristismo mas o marido entendeu que era melhor

25 aperfeiçoarem um só número e as línguas estrangeiras que têm que introduzir nos espectáculos sempre que vão para um país diferente.

Extracto de uma reportagem da revista *Pública*, Jornal *Público*, 3 de Janeiro de 1999, Portugal

---

<sup>1</sup> rulote - veículo sem motor, atrelado a um automóvel e preparado para servir de alojamento; caravana

<sup>2</sup> bidon, bidão - recipiente metálico cilíndrico de grande capacidade destinado a produtos líquidos

<sup>3</sup> bonacheirão - ingénuo e simples

## SECÇÃO B

*Analise e compare os seguintes textos.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre o(s) texto(s) e o(s) seu(s) respectivos temas. Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios linguísticos para comunicar os seus propósitos.*

### Texto 2 (a)

Vocês sabem: aqueles tabuleiros armados sobre cinco rodas que servem para tudo, conforme as épocas - fruta, nozes, tecidos.

5 A freguesia é composta, na sua quase totalidade por mulheres, as que não têm tempo, ou pernas para ir à praça que fica longe. No Largo de Alcântara, sempre que os deixam, os tais carrinhos de cinco rodas fazem negócio.

Pois ontem, no meio da freguesia interessada, estava eu mais interessado que ninguém. Imenso tempo, imaginem a fazer o quê. Era uma menina, no melhor dos seus quatro mesinhos. Vivaça, os olhos duas lagoas de água doce, e muito sossegadinha, a provocar, de braços estendidos, quem ia à sua vida...

10 No prolongamento do tabuleiro haviam-lhe feito o quartinho; quatro pranchas onde ainda se lia a marca de um vinho do Porto. Por debaixo dela o cobertor dobrado em quatro. Acabavam os pentes, os plásticos, a retrosaria, até um cantil de vinho - ou água - até um cinto de lagarto para os grã-finos, acabava o comércio e principiava a menina no seu berço ambulante. Quer dizer: principiava o jardim...

15 - Como se chama a menina? - perguntei à dona da quitanda.  
- Bárbara. Quer alguma coisa, freguês?  
- Quero comprar a Bárbara.

Acende-se de repente uma luz no velho sótão: o sorriso alastra pela cara toda, como uma grande nódoa fluorescente:

20 - Não pode ser. A Bárbara não tem preço.

Fico-me por ali ainda um bocado, a querer achar poesia àquilo e sem poder nada. Arre, diabo! Então uma menina, quase um anjo, na sua manjedoura atrelada... Fico a sonhar com uma ampla creche, espaço, árvores, baloiços, brinquedos, professores...

Mário Castrim - in *Diário de Lisboa*, 1968, Portugal

**Texto 2 (b)**

**Princípio I**

- A criança deve usufruir de todos os direitos enunciados na presente Declaração. Estes direitos devem ser reconhecidos a todas as crianças sem excepção e sem distinção ou discriminação por motivos de raça, cor, sexo, língua, religião, opiniões políticas ou outras,
- 5 origem nacional ou social, posição económica, nascimento ou qualquer outra situação, quer da própria criança, quer da sua família.

**Princípio II**

- A criança deve beneficiar de uma protecção especial e dispor de possibilidades e de facilidades, por efeito da lei e de outros, para poder desenvolver-se no plano físico,
- 10 intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. Na adopção de leis que visem este fim, o interesse superior da criança deve ser a condição determinante.

**Princípio III**

A criança tem direito, desde o nascimento a um nome e a uma nacionalidade.

**Princípio IV**

- 15 A criança deve beneficiar da segurança social. Deve poder crescer e desenvolver-se de maneira saudável; com este fim deve ser assegurada, tanto à criança como à mãe, ajuda e protecção especiais, designadamente cuidados pré-natais e pós-natais. A criança tem o direito a alimentação, habitação, distrações e cuidados médicos adequados.

**Princípio V**

- 20 A criança física, mental ou socialmente diminuída deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que o seu estado ou a sua situação necessitem.

Declaração dos Direitos da Criança, in *Sinais*, Lisboa Editora, 1989, Portugal